



VICTORIA AVEYARD

TRONO
DESTRUÍDO

COLETÂNEA DEFINITIVA DA SÉRIE
A RAINHA VERMELHA

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE
GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2019 by Victoria Aveyard

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grau atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Broken Throne: A Red Queen Collection

CAPA Sarah Nichole Kaufman

ARTE DE CAPA © 2019 by John Dismukes

ILUSTRAÇÕES DE GUARDA E MAPAS Amanda Persky © 2019 by Victoria Aveyard. All rights reserved

ÁRVORE GENEALÓGICA Virginia Alan

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Adriana Bairrada e Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aveyard, Victoria

Trono destruído : coletânea definitiva da série A Rainha Vermelha / Victoria Aveyard ; tradução Cristian Clemente, Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2019.

Título original: Broken Throne : A Red Queen Collection.

ISBN 978-85-5534-087-1

1. Ficção – Literatura juvenil 2. Ficção norte-americana
1. Título.

19-25634

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinteoficial

*Mal posso acreditar que vocês estão
comigo há tanto tempo. Obrigada.*

Em todos os meus estudos em Norta, meu trabalho sempre se desenvolveu às margens dos acontecimentos conhecidos apenas como Calamidades. Sempre fui fascinado pelas histórias do nosso passado distante, bem como pelas lições contidas nele. Infelizmente, porém, os tempos pré-prateados mostraram-se sempre repletos de lacunas e difíceis de verificar, visto que as fontes primárias estão, em sua maioria, perdidas. Só acontecimentos relativamente recentes (por "recentes" entenda-se "dos últimos 1500 anos") podem ser considerados marcos seguros. Apesar de serem registros já bastante conhecidos, ainda são vitais por terem aberto o caminho.

Assim, devo basear toda a minha pesquisa nessa relevante linha do tempo, relacionando-a tanto com o que está nos arquivos de Delphie como com o que está nas caixas-fortes da Montanha do Chifre (nota: datas baseadas no calendário de Norta; minhas desculpas à República):

- EA = Era Antiga, antes da formação de Norta
- NE = Nova Era, depois da formação de Norta

Antes de 1500 EA: Civilização espalhada pelo continente, ainda em fluxos migratórios depois das Calamidades

1500 EA: Início da Reforma, quando as civilizações do continente começam a se assentar e a se reconstruir

950 EA: Julgamento de Barr Rambler, registro mais antigo de um indivíduo prateado (um forçador demonstra seus poderes ao ser julgado por roubo)

~900 EA: Fundação da dinastia Finix, formação do reino de Ciron, o mais antigo do continente a ser governado por prateados (segundo as tradições cironianas)

202 EA: Depois de uma guerra civil, o reino de Tiraxes se reestrutura na triarquia atual

180 EA: Formação de Tetonia, um dos vários pequenos reinos que brotam nas montanhas, o qual virá a se tornar Montfort

72 EA: Formação do reino de Lakeland por meio das conquistas da linhagem Cygnet

O NE: Formação da Norta moderna sob a dinastia Calore, com a fusão de pequenos reinos e cidades-Estado da região

2 NE: Piedmont e Norta estabelecem uma aliança através do casamento, o que lança

as bases de um vínculo duradouro entre as duas nações

170-195 NE: Guerras de Fronteira entre Lakeland e vários chefes militares de Prairie

200 NE: Início da guerra entre Norta e Lakeland

296 NE: Dane Davidson, futuro primeiro-ministro da República Livre de Montfort, foge de Norta

321 NE: Guerra Civil de Norta, secessão de Rift, abdicação do rei Tiberias VII de Norta, queda do reino de Norta, abdicação do rei Ptolemus de Rift, abdicação da rainha Evangeline de Rift, formação dos Estados de Norta.

A lista acima é uma seleção dos fatos históricos mais marcantes que podem ser encontrados em quase qualquer texto aceitável, de Ascendant a Harbor Bay. Nem eu nem os estudiosos da Montanha do Chifre estamos interessados no que já sabemos. Para tristeza de Sara, depois de semanas de estudo tentei compilar uma espécie de panorama do tempo antes da Reforma. É preciso ter em conta que as informações são pouco científicas e, por ora, impossíveis de verificar. Boa par-

te do que encontrei contradiz diretamente outras fontes, então tentei traçar um esboço das informações em comum.

De grande ajuda foi uma coleção de publicações em papel, preservada meticulosamente numa sala com controle de temperatura e pressão nas profundezas da Montanha do Chifre. Registros indicam que



tais documentos, que se assemelham a anais ou panfletos, foram lacrados nas caixas-fortes antes da existência de

Montfort, há mais de mil anos. Por isso, parto do princípio de que as caixas-fortes, construídas originalmente para sobreviver às Calamidades, receberam documentos que deveriam sobreviver a seus proprietários. Vários desses documentos parecem fazer parte de um mesmo conjunto e contêm o que deviam ser belas fotografias. Tem sido difícil traduzi-los, mas não impossível. Um conjunto talvez fosse chamado de Geografia da nação ou algo assim, enquanto outro traz apenas o título Tempo.

Primeiramente, devemos explorar o passado a partir de um ponto fixo da história — para nós, será o ano de 1500 EA, quando teve início a Reforma. Tudo o que aconteceu antes e durante as Calamidades está envolto numa névoa histórica, de modo que mitos com frequência se sobreponhem aos fatos. Sabemos que as Calamidades em si destruíram ou pelo menos abalaram severamente as civilizações anteriores à nossa, a ponto de ainda

Gostei particularmente dos livros ilustrados em que se detalhavam as aventuras de um irascível combatente do crime vestido de morcego.

hoje precisarmos juntar fragmentos para ter uma ideia daqueles tempos.

Segundo as fontes na Montanha do Chifre, a primeira das Calamidades — a mais destrutiva e duradoura — foi uma mudança catastrófica no clima devido à poluição em escala global. A situação piorou ano a ano, ao longo de décadas. As secas devastaram boa parte do planeta, até terras para além dos oceanos que circundam nosso continente, lugares que não consigo sequer começar a compreender.



É possível que esses lugares já não existam ou que estejam passando por sua própria reforma. A guerra e o interesse próprio limitaram os reinos prateados a seu próprio quintal, por assim dizer. Talvez o mesmo possa ser dito dos demais.

A seca, com o tempo, acarretou um colapso da agricultura, escassez de alimentos, migrações, revoltas e guerras nas áreas afetadas. Muitos tentavam fugir para as regiões que ainda produziam alimentos. Guerras por recursos — água, combustível, território etc. — passaram a eclodir com frequência por toda parte. Esses confrontos ocorriam entre organizações, ou entre organizações e povos nativos. Poucos dos grandes governos entraram em conflito direto nos primeiros anos.

A mudança climática gerou tempestades mortíferas, tanto na terra como no mar; muitos habitantes do litoral foram forçados a ir para o interior, onde tinham de enfrentar nevadas, tempestades de gelo, tornados e contínuas tempestades de areia causadas pela seca. A velocidade da mudança dos padrões de temperatura levou a humanidade ao limite, causando a extinção de muitas plantas e animais. A subida do nível do mar também contribuiu para um encarceramento, forçando as populações a se concentrarem em áreas habitáveis cada vez menores. Havia ainda enchentes extremas, que transformaram o delta do Grande Rio e a região ao redor, submersgindo centenas de quilômetros de terra para formar os contornos da costa que conhecemos hoje.



Além das enchentes, uma série de terremotos transformou a costa oeste, criando um mar onde antes havia um enorme vale. Vulcões há muito adormecidos entraram em erupção na região noroeste, lançando milhões de toneladas de fuligem no ar.

É interessante notar que, embora múltiplos terremotos e desastres naturais tenham arrasado o continente, o cataclisma mais temido nunca chegou a acontecer. Segundo os textos preservados, tanto cientistas como civis estavam extremamente preocupados com a possível erupção da caldeira vulcânica sob o que hoje é o Vale do Paraíso. Essa erupção teria

mudado o clima mundial e destruído quase todo o continente em que vivemos. À época dos textos preservados, cientistas postularam que a erupção já devia ter ocorrido havia muito tempo. Hoje, passamos ainda mais desse prazo. Vou enviar ao primeiro-ministro e à Assembleia do Povo uma solicitação para organizar uma equipe de análise a fim de observar o Vale do Paraíso e o gigante adormecido sob ele.

Não é surpresa que, em meio a tamanha turbulência, doenças tenham aparecido em muitas regiões e se espalhado cada vez mais, afetando até mesmo grupos considerados seguros. Muitas eram mutações de enfermidades de menor risco ou males antes erradicados que encontraram novas vítimas em populações outrora protegidas. Milhões de pessoas por todo o mundo sucumbiram a doenças antes consideradas curáveis, e a maioria das civilizações começou a ruir.

Tudo isso foram ações da natureza ou, como diriam alguns, dos deuses. O mesmo não vale para a última das Calamidades, um ato voluntário dos homens. Dispomos hoje de poderio militar, bombas e mísseis de tamanho e qualidade variados, mas nada que se compare às armas monstruosas que nossos antepassados criaram. De alguma maneira, pela divisão da partícula mais minúscula da existência, os cientistas do velho mundo descobriram que poderiam criar a mais destrutiva das armas, a bomba nuclear. Em meio



aos diversos desastres já mencionados, ela foi usada por todo o mundo conhecido, com graus variados de destruição. Ainda antes do início da guerra nuclear, governos e cidadãos temiam essas armas. Por isso, muitos planos foram feitos. As próprias caixas-fortes da Montanha do Chifre foram projetadas para resistir a um ataque nuclear, motivo pelo qual foram cavadas nas profundezas das rochas. De acordo com os textos encontrados lá, nosso continente foi poupado da pior parte do bombardeio nuclear. Do outro lado do oceano alguns territórios já não existem; encontram-se hoje completamente congelados ou cobertos de areia, destruídos pela ira de alguns e pela ignorância de muitos. Bem pior do que as bombas em si, aparentemente, foram as consequências delas. Doenças causadas pela radiação se espalharam com a fumaça e as cinzas. Países inteiros foram arrasados, civilizações caíram. É o caso do nosso continente, como demonstram as ruínas de Wash e Cog. Tais territórios ainda não podem ser repovoados, dado o excesso de radiação, permanecendo envenenados por ações de milhares de anos atrás.

Apesar dos resultados da minha pesquisa, me parece inconcebível a vasta destruição alcançada por meio da tecnologia militar, e vou trabalhar mais para corroborar essas descobertas. Não é possível. Mesmo o mais forte dos prateados não consegue demolir uma cidade, e nossas bombas são incapazes de cruzar um oceano para incinerar dezenas de milhares de pessoas. Talvez seja ignorância minha, mas não consigo conceber a morte de milhões por ordem de um só.

Há alguns marcos históricos estabelecidos para o período das Calamidades, sobretudo no caso dos acontecimentos duradouros, como a mudança climática, que ainda impactam nosso mundo.

Os cientistas de Montfort têm feito escavações no gelo que não compreendo de todo, mas ouço dizer que o trabalho deles no norte é inestimável para a cronologia anterior à Reforma e mesmo durante as Calamidades. Vou registrar o que conseguir de suas descobertas, mas por ora relatórios preliminares parecem indicar que houve uma precipitação de cinzas radioativas sobre o extremo norte por volta de 2 mil anos atrás. Isso situa pelo menos um ato de guerra nuclear (AGN) por volta do ano 2000 EA, quinhentos anos antes da Reforma. Podemos, assim, determinar que o verdadeiro colapso, pelo menos no caso do nosso continente, ocorreu meio milênio antes de as civilizações começarem a se reformar.

Ligar a Reforma e o AGN a uma cronologia pré-prateada, pré-Calamidades, mostrou-se uma tarefa elusiva, e mais uma vez precisamos buscar pontos de intersecção. Há diversas menções de secas catastróficas nos textos preservados a partir do ano de 2015 EC (às vezes escrito d.C., mas pode ser um erro de tradução — preciso verificar). Outros eventos calamitosos — como a subida do nível do mar, furacões e afins — são mencionados ao longo de sessenta anos de textos preservados, mas sua frequência cresce rapidamente em quantidade e

alcance no fim da coleção. São eventos menores, porém, em comparação com o terremoto que atingiu a costa oeste e o dilúvio que transformou o delta do rio Grande.

De novo, a tradução pode não ser confiável. Alguns textos variam quanto à qualidade de sua preservação, e para minha dor e surpresa muitos parecem discordar quanto à gravidade e à magnitude dos acontecimentos, sobretudo os que dizem respeito ao clima. Enquanto uma fonte considera as temperaturas mais quentes do inverno um prenúncio de uma mudança catastrófica, outra menospreza o mesmo período ou enfatiza o clima mais frio de outro lugar. Esse padrão é bastante preocupante, embora eu imagine que a maioria dos consumidores desses documentos fosse capaz de identificar o viés, bem como as mentiras e manipulações apresentadas neles.

Consegui encontrar uma menção a um pequeno ataque nuclear no ano de 2022 EC. Não consegui discernir os combatentes envolvidos no conflito, apenas que o ataque ocorreu em outro continente, distante dos grandes centros populacionais, em meio ao clima frio. Isso me faz pensar que se tratava mais de uma demonstração de força do que de um ato de guerra, se é possível crer numa coisa tão tola. Contudo, significa, quando analisado em conjunto com as cinzas radioativas, que no mínimo o ano



2000 EA do nosso calendário pode corresponder ao ano 2022 EC no calendário pré-Calamidades. Mas, se me perguntassem, eu diria que algum tempo separa os dois, talvez uma década ou mesmo um século. A pesquisa avança lentamente, mas tenho a forte sensação de que esses passos vão na direção certa, e de que essas informações serão vitais para nosso futuro.

Se algo acontecesse às caixas-fortes da Montanha do Chifre, nossa civilização perderia qualquer vínculo com o passado e com os alertas que nos foram deixados. Por isso, vou liderar um esforço conjunto para traduzir, o melhor que pudermos, a maior quantidade possível dos volumes mais recentes de textos preservados. No mínimo, os líderes mundiais devem saber o que se abateu sobre nossos antepassados, a fim de que possam evitar um desastre semelhante no futuro. Preocupa-me bastante a mudança climática provocada pelo homem, uma armadilha em que se cai com facilidade, especialmente quando pensamos nas sociedades em desenvolvimento. Espero que isso já tenha começado em partes, mas estou esperançoso de que nossas nações consigam evitar o que nossos antepassados não conseguiram.

Inclui uma tradução a seguir, embora incompleta. Pinta um retrato sombrio da espada que pende sobre todos nós.

Novos estudos <NÃO TRADUZIDO> a seca no Oriente Médio (?) é a pior na região <NÃO TRADUZIDO> nos últimos novecentos anos <NÃO TRADUZIDO> Agravada pelo aquecimento global <NÃO TRADUZIDO> Precipitação 40% menor <NÃO TRADUZIDO> Poços profundos drenam aquíferos <NÃO TRADUZIDO> perda de colheitas <NÃO TRADUZIDO> milhões fogem para cidades já sobrecarregadas <NÃO TRADUZIDO> instabilidade política <NÃO TRADUZIDO> guerra civil <NÃO TRADUZIDO> crise de refugiados em toda a região <NÃO TRADUZIDO> até nações vizinhas <NÃO TRADUZIDO> consequências políticas no mundo todo

Esta é uma peça crucial do quebra-cabeça que precisamos montar se quisermos compreender o mundo que veio antes do nosso e como vivemos a existir no mundo de agora.

Sou apenas um homem curioso, mas talvez possa dar ao menos um passo à frente em meio à névoa que nos rodeia, para que outros venham depois. Você tem algo da sua mãe dentro de si, Cal, o bastante para desfrutar do conhecimento de como as coisas funcionam. Espero que essas cópias dos meus estudos tenham algum interesse para você. Espero que se junte a mim na tarefa de afastar a névoa.

Tio Julian

Sei que você é bem versado na história da sua Casa, já que parte dela fui eu mesmo que lhe ensinei. Mas pensei que talvez quisesse ficar com isto, em vez de contar com a sobrevivência das bibliotecas de Norta ou com sua memória fraca. Sim, eu disse fraca. Peço desculpas pelo registro da família da sua mãe (e de minha própria Casa) não ser tão extenso, mas na juventude eu tinha um lamentável desinteresse pela minha ascendência. E minha linhagem, por algum motivo, não é tão bem documentada como as dos reis. Muito estranho.

Tio Julian





Família Jacos

